

# **PERSPECTIVA DE PRODUÇÃO DE HISTÓRIA A PARTIR DE RELATOS DOS SÉCULOS XVI A XVIII, NA VISÃO DE JOSÉ DE ALENCAR NA FASE INDIANISTA DO ROMANTISMO**

Adriana Silva Nobre Mendes

Departamento de Letras UFRN

Adriana de Oliveira Souza

Departamento de Letras UFRN

## **Resumo**

À luz da fase Indianista do Romantismo, principalmente com base no nacionalismo de José de Alencar, iremos tratar da interpretação sobre a formação da nacionalidade do Brasil, pensando no caráter literário como uma fonte para publicação de História. Para isso, veremos que o “Historismo” e o “Historicismo” ocorrem simultaneamente, onde este baseia-se em hipóteses, idéias, lógica e ciência, e aquele permeia-se de perspectivas do Romantismo. Assim, ressaltamos que a produção da história literária, da fase indianista, deve-se, principalmente, aos escritos históricos da “literatura de viagem”, os quais são considerados documentos válidos para a descrição das terras descobertas e seus habitantes, pois são fontes compostas de descrições, observações, curiosidades e conclusões de pessoas que presenciaram os primeiros momentos do reconhecimento do território brasileiro. Dessa maneira, poderemos pensar os escritos da fase indianista nacionalista como documentos de literatura para o reconhecimento de costumes e cultura da época do descobrimento. Mesmo que para isso, tenhamos que nos deparar com críticas de historiadores. Logo, no que diz respeito a José de Alencar, analisaremos, na percepção e na interpretação do autor, a figura do índio que ganha estatuto de símbolo nacional, por meio da qualidade de habitante original do país. O que depreenderemos em “Iracema” e em “O Guarani”, em cenários construídos a partir das crônicas dos séculos XVI a XVIII. Entretanto a intenção de trabalhar a literatura como história não é a de contrapor-se aos estudos históricos interpretativos, mas sim utilizar a interpretação como comprovação de que a verdade pode ser entendida de maneiras diferentes.

**Palavras-chave:** Iracema, O Guarani, Indianista e Historismo.

## **Introdução**

O presente artigo aborda como tema uma fase distinta do Romantismo no Brasil, o Indianismo e o Nacionalismo. Com relação a isso, e particularmente em nossa pesquisa, trataremos da fundamentação histórica das obras alencarianas, o que pode ser

apreciado nos romances *O Guarani* e *Iracema*. Portanto, com o intuito de tratar de História dentro da Literatura, pretendemos desfazer a falsa idéia de que História e Literatura seja uma junção desconexa e fantasiosa, já que assim o julgam alguns Historiadores. Portanto não faremos listas dos discursos sobre essa questão, como também não organizaremos os nomes dos Historiadores que proferem ou proferiram a idéia da Literatura como sendo deturpadora da História científica. Objetivamos, apenas, trazer a tona que a História concebida pela Literatura dar-se com fundamentação em relatos históricos e a eles são transmutadas as idéias do imaginário, o que não faria sentido ser diferente, afinal de contas, estamos trabalhando a partir de idéias de mentes criativas, dinâmicas e inteligentes.

Organizamos o trabalho de modo a situar o leitor, primeiramente, para o contexto histórico da Europa e do Brasil na época da publicação dos Romances, como também às novas perspectivas da classe social que despontava no século XIX. Dando continuidade, trataremos da figura do índio nos Romances alencarianos e sua base informativa reconhecida como documentos históricos. Este momento será o ponto central do nosso texto. Para encerrarmos, traremos a conclusão e, por fim, as fontes da pesquisa.

### **Contexto Histórico da Europa e do Brasil no séc. XIX**

O movimento artístico literário citado iniciou-se nos últimos anos do século XVIII e se estendeu até meados do século XIX. Esse movimento está relacionado a dois acontecimentos que marcaram a face da Europa: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A primeira acabou de vez com o absolutismo, surgindo assim o liberalismo, o qual era um conjunto de idéias que visavam assegurar a liberdade individual no campo da política, da moral e da religião. Nesse contexto de revoluções, surge uma nova classe social, a burguesia, que chega ao poder com a Revolução Francesa em 1789. O Romantismo surge nesse momento da História com o objetivo de representar artisticamente os anseios dessa nova classe social. Já a Revolução Industrial e a solidificação do capitalismo, produziram no homem do século XIX a sensação de alienação, da perda do todo.

Esse indivíduo que perde a dimensão social fragmenta-se diante da complexidade do mundo. A resposta a essa sensação é o desejo de integrar-se com o inverso, em busca do elo perdido entre o eu e o mundo. É nessa contextualização histórica dos principais acontecimentos que influenciaram o Romantismo a identificação de que a literatura não surge do nada, ela está intimamente ligada aos fatos histórico-culturais de uma época. Porém não tem o compromisso em fazer História científica, mas sim, atribuir <sup>1</sup>fabulação aos aspectos que norteiam e identificam uma sociedade de uma determinada época. Quanto a essa não obrigação com a ciência, temos a crítica de Augusto Meyer, que escrevendo sobre *O Guarani*, em *Nota Preliminar* na edição Aguilar, afirma o esforço de José de Alencar para achar aquilo que

---

<sup>1</sup> Fabulação: Sinônimo de fábula no sentido de enredo ou trama (MASSOUD, 2004:184)

é o objetivo de todo escritor, escolher a linguagem com a qual pudesse dar conta do tema que escolhesse:

Eu por mim confesso humildemente que não vejo indígenas na obra de Alencar, nem personagens históricas, nem romances históricos; vejo uma poderosa imaginação que transfigura tudo, a tudo atribui um sentido fabuloso e não de um clima de intemperança fantasista. Poeta do romance, romaneava tudo. Se teve a intenção de criar o nosso romance histórico, ficou só na intenção, e de qualquer modo não lograria fazê-lo pois era demasiado genial para poder adaptar o seu fogoso temperamento a um gênero tão medíocre, que pede paciência aturada na imitação servil da crônica histórica, pouca imaginação criadora e acúmulo de minudências pitorescas[...] (MEYER, apud, BARBOSA, 2002:04)

No Brasil, o movimento romântico é marcado por dois acontecimentos históricos: a chegada da família real portuguesa e a independência política do país. Devido às invasões napoleônicas a Portugal, a família real fugiu para o Brasil e instalou-se no Rio de Janeiro. Esta cidade passou por um processo de urbanização e tornou-se ambiente propício à divulgação das novas influências européias, a colônia caminhava rumo à independência. Assim, o Romantismo brasileiro, considerado por vários historiadores como o verdadeiro início de uma literatura nacional. Está intimamente ligado a todo o processo de independência política.

Após a nossa independência que ocorreu em 1822, surgem novos temas nas artes, temas de fundo marcadamente nacionalista. Era a atitude natural de um povo que desejava firmar-se como nação e raça independentes. Por isso, o movimento romântico brasileiro possui características que o distingue do Europeu. Nossos escritores tinham consciência da necessidade de criar uma literatura que traduzisse a realidade local. Por isso buscava a valorização da “cor local”, ou seja, nossas paisagens foram poeticamente utilizadas para valorizar o nosso país, pois eram muito diferentes das paisagens européias. É essa valorização que pode ser percebida neste trecho retirado de *Iracema*:

[...] Perlongando as frescas margens, viu Martim no seguinte sol os verdes mares e alvas praias onde as ondas murmurosas soluçam às vezes e outras raivam de fúria, rebentando em flocos de espuma. [...]  
(ALENCAR, 1974:40)

Sabendo que os Romances Indianistas de Alencar são marcados pela consciência do nacionalismo brasileiro, depreenderemos que foi na busca dessa identidade nacional que ele, assim como outros escritores brasileiros, foi resgatar nossas origens e, a partir delas, criou um cenário que propiciou a difusão do Romantismo. Dessa maneira, podemos perceber em muitos trechos das obras, aspectos que fazem referência a discursos da época do descobrimento, como as *Crônicas de viagem* ou *Literatura de viagem* – reconhecidos como os primeiros documentos literários do Brasil. Tais documentos também serviram de alicerce para o Historismo – História a partir de documentos científicos-, em uma perspectiva de análise para o surgimento do

Brasil colônia. É o fazer História, nas percepções de Literatos e Historiadores, com base científica.

## O Índio do Romance

Quanto ao índio dos romances, era idealizado, ou seja, ele era sempre bom, nobre, corajoso e belo, nos remetendo ao mito do “bom selvagem” de Rousseau, que afirmava que o homem é primitivamente puro, mas se perverte com convívio com a sociedade. Em suas atitudes, fragmentadas dentro dos textos, percebemos a lealdade e o respeito dos selvagens no trato com os brancos, realçados de maneira sublime por se tratar de uma percepção do Romantismo. Observemos em *O Guarani*: “O índio ajoelhou-se aos pés de Cecília; sem animar-se a levantar os olhos para ela, apresentou-lhe o cabaz de palha: abrindo a tampa, a menina assustou-se, mas sorriu; um enxame de beija-flores esvoaçava dentro [...]” (ALENCAR, 2002:104). Porém, percebemos comentários reducionistas do tipo: “[...] O typo de Pery, no Guarany, ou no do Guerreiro de Y – Juca - Pyrama, são fantasias literárias que exageram as qualidades e sentimentos dos selvagens” (SERRANO, 1929, apud BARROS, 2000:137). Discursos que refutam a capacidade criadora dos autores indianistas e a reduzem em aspectos de delírios literários. Tais percepções são estáticas e apenas demonstram que não há o devido entendimento de que na Literatura não existe interesse para a produção de História científica.

Percebemos que com relação aos habitantes da terra recém-descoberta, uma descrição minuciosa foi feita por Jean de Léry, em sua obra “Viagem à Terra do Brasil”, onde ele relata tanto a cultura e o porte físico dos índios, como também contribui, com os relatos dos costumes sociais dos “selvagens” – assim como eram chamados-, os quais podiam ser passíveis de convivência. Vejamos um pequeno trecho de sua crônica histórica:

Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados tupinambás, entre os quais residi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são porém mais fortes, mais robustos, mais entoncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias [...] Mas o que mais nos maravilhava nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrirem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem [...] (LÉRY, 1578, não paginado, grifo nosso).

Perceberemos que Alencar inclui em *Iracema* essa passividade do índio que foi brevemente comentada por Léry:

[...] Quando ele ergueu-se, Poti falou: - A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria, o segundo dá força; o guerreiro sem a esposa é como a árvore sem folhas nem flores: nunca ela verá o fruto; o guerreiro sem amigo é como a árvore solitária que o vento açouta no meio do campo [...] Martim uniu o peito ao peito de Poti [...] (ALENCAR, 1975:45)

Vimos que outras marcas, além de saúde e força física, surgem na obra alencariana. Sendo traçado gradativamente o perfil romântico do bom selvagem. Verifiquemos observações feitas por Léry sob uma visão de contexto religioso:

[...] E tão forte era esse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só se obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as prisioneiras de guerra [...] Não é do meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens [...] não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo. (LÉRY, 1578, não paginado).

Dentro de uma análise do Romantismo, temos ainda, em *Iracema*, a percepção quanto a liberdade do índio e sua maneira harmoniosa de contato com a natureza: “[...] a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu [...] Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite [...]” (ALENCAR, 1975:15).

São algumas das idéias que inferimos estar atreladas aos documentos do séc. XVI. Pois, apresentam um ambiente tipicamente nacional e trazem, de maneira descritiva, todos os aspectos naturais do território brasileiro naquela época. A precisão com que é descrito o ambiente “colorido” e exuberante, de florestas densas, diversidade de fauna e o modo de vida dos índios e sua cultura singular, possibilitam o entendimento de utilização dos tratados.

Observemos que as descrições alencarianas não nos impõem pensar a literatura como elemento que se contrapõe aos fatos da História, até mesmo porque ela apresenta-se bastante flexível e, por isso, bem mais capaz de interpretar a sociedade ao seu modo, não requerendo a necessidade de fundamentação científica para o que pode ser analisado dentro de um contexto real da sociedade do período.

Outra percepção histórica que pode ser apreendida da obra *Iracema* através de trechos metafóricamente construídos é o argumento histórico à colonização do Ceará. Com a possibilidade de *Iracema* ser uma grande metáfora e poder simbolizar a nossa terra virgem que, após ser “descoberta”, foi intensamente explorada pelo colonizador

português, como também, pensar na metáfora Moacir, filho de Iracema, poder simbolizar a nação brasileira, nascida do encontro entre o branco colonizador e o índio nativo, sendo, então, uma alegoria criada por Alencar. É um misto de História e percepções dos fazeres literários que apagam qualquer necessidade das fundamentações estáticas científicas que não nos permitem adentrar nos aspectos do *maravilhoso* da Literatura.

Um ponto a ser destacado é a questão dos símbolos secretos que permeiam as obras *Iracema* e *O Guarani*. Alencar utilizou personagens estereotipados para caracterizar o pensamento de nacionalidade, em *Iracema* “[...] o novo e recém-descoberto mundo de aquém, que se afigura discursivamente como «a morena virgem» «dos lábios de mel» [...]” (SILVA NETO, 2000:183); assim como o anagrama de IRACEMA → AMÉRICA em representação das terras descobertas e mais ainda, IRACEMA: “[...] símbolo de entrega e sacrifício absolutos” (SILVA NETO, 2000:183).

Mais um importante personagem simbólico é o índio Poti – camarão é o significado de seu nome –, que após o batismo cristão passa a chamar-se Antonio Felipe Camarão: “Ele recebeu com o batismo o nome do santo cujo era o dia e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz”. (ALENCAR, 1975:57). Poti é símbolo da coragem e da lealdade é o “senhor de mil arcos”. (ALENCAR, 1975:47). Ao guerreiro podemos fazer uma alusão à importância do indígena no processo de colonização do território brasileiro e na defesa das ameaças externas e internas.

Portanto, poderemos sintetizar o caráter simbólico de *Iracema* nas seguintes palavras de Silva Neto:

Considerado no largo espectro do programa romântico brasileiro, este romance pode ser pensado, pois, sem quaisquer reservas, como um símbolo de identidade nacional, dada a força e o frescor sempre renovados com que se mantém na tradição literária brasileira, realimentando o imaginário do leitor com traços culturais da sua língua, do seu passado e da sua cultura, que, por sua vez, constituem elementos relevantes na elaboração do ideário coletivo fundador de sua nacionalidade. (SILVA NETO, 2000:187)

Em *O Guarani*, percebemos, além dos componentes históricos do século XVI e da exaltação do índio em Peri, as fortes marcas da religiosidade que são contempladas por passagens que nos remetem à História Bíblica. Vejamos um trecho do capítulo *Epílogo* da obra: “Tudo era água e céu. A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar [...]” (ALENCAR, 2002, p. 293). Essa passagem pode ser identificada com o momento do dilúvio: “As águas inundaram tudo com violência, e cobriram toda a terra [...]” (GÊNESES cap.7, vers.18) Segundo João A. Barbosa (USP), em prefácio da obra *O Guarani*:

[...] Às vésperas da explosão final das águas do Paraíba, pode ser lida como uma espécie de referência intertextual: a fecundação posterior da terra pelo indígena da lenda, salvo “no olho de uma palmeira

(Alencar)”, ocorre paralela àquela realização pelo próprio romance de Alencar, fundando uma tradição. Romance de fundação, o brasileirismo, ou indigenismo, de que se acha imbuído, é apenas uma parte de sistema mais rico de significações [...] num primeiro nível, a fusão de Peri e Cecília pelas águas tormentosas do Paraíba implica a reunião de raças procriadoras da nacionalidade, como pedia a etnologia romântica perfilhada por Alencar [...]. (BARBOSA, 2002:7).

Não é só a introdução do elemento mítico no erudito, mas sim uma simbolização também literária que se funde para atestar uma realização ficcional.

José de Alencar, para fazer romances que mostrassem a origem do povo brasileiro, soube explorar artisticamente os fatos históricos e lendários. Lendários como ele mesmo afirma no capítulo I de *Iracema*: “Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos e a brisa rugitava nos palmares” (ALENCAR, 1975:15). Cabe a nós inferirmos a veracidade de seus textos pelos detalhes comprovados nos documentos históricos, já que esses documentos davam subsídios para descrever nosso país e relatar os fatos históricos. Vejamos o entendimento do Dr. João G. da Silva Neto –Departamento de Letras da UFRN, em seu artigo intitulado *Da Carta de Caminha à Iracema de Alencar: buscas e caminhos da identidade brasileira*, onde fez a seguinte afirmação:

[...] *Iracema* traça caminhos idealizados, em busca das raízes da idéia que as gentes da terra certamente deveriam fazer da noção de brasileiridade. Para tanto, o romance lança âncoras no passado das lendas e dos relatos vários da história da colonização, cujos percursos narrativos tentam resgatar e pôr em relevo, cada um a seu modo, os grandes feitos, mas também as tantas desventuras de europeus e indígenas em seus encontros e desencontros, ao longo do processo exploratório da terra brasileira [...] (SILVA NETO, 2000:183)

Pela citação, reafirma-se o que já foi dito, foram nas lendas e nos textos históricos que o autor encontrou o terreno propício para extrair a imagem do índio, bem como seus costumes, a exuberância de nossa fauna e das florestas, exaltando assim seu nacionalismo.

Assim, podemos dizer que a origem do povo brasileiro se deu a partir do encontro entre o colonizador e as tribos indígenas que aqui habitavam, esse encontro foi marcado por inúmeras guerras formadas por alianças entre os índios Potiguares que habitavam o litoral nordestino e os portugueses, e os índios Tabajaras que viviam no interior, aliados dos franceses. Vemos, portanto, que *Iracema* e *O Guarani* foram os pretextos que Alencar encontrou para valorizar nossa pátria, exaltar os valores culturais essenciais do povo brasileiro através da figura do índio.

## **Conclusão**

Como vimos, esse artigo abordou o Romantismo. Movimento literário que se desencadeou no Brasil ao mesmo tempo em que o país conquistava sua independência política e social. Por isso, a literatura dessa época apresentava traços peculiares relacionados à formação da nação brasileira. Percebemos que os escritores desse período, em especial Alencar, tinham como princípios orientadores o desejo consciente de enfatizar orgulho patriótico e a intenção de criar uma literatura independente e diferente da portuguesa. Em Alencar, portanto, não encontraremos qualquer intenção de Historismo, mas sim o poder mental da criação.

## Referências

ALENCAR, J. de. *Iracema*; notas e orientações didáticas por Silvano Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. *O Guarani*. 25. ed.; São Paulo: Ática, 2002.

BARBOSA, João A. *Leitura de José de Alencar – O Guarani*. 25. ed.; São Paulo: Ática, 2002.

BRUNEL, P. [org.]. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CARDIN, F. In: cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982.

D'ONOFRIO, S. *Da Odisséia ao Ulisses: evolução do gênero narrativo*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GANDAVO, P. M. *Tratado da terra do Brasil*. In: cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982.

LÉRY, J. de. *Viagem à terra do Brasil*. In: cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982. Não paginado.

MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix: Ed. da universidade de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Termos Literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

RONCARI, L. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2002.

SILVA NETO, J. G. *Da carta de Caminha à Iracema de Alencar: buscas e caminhos da identidade brasileira*. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO: “Portugal-Brasil: memórias e imaginários”, 1., Lisboa. Anais... Lisboa: Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 7. ed. São Paulo: DIFEL, 1982.

BARROS, Diana L. P. de, (org.). *Os Discursos do Descobrimento*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 33 – 137.

ABREU, Capistrano de. *Temas Brasileiros – O Descobrimento do Brasil*, 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BÍBLIA, A.T. Gênesis. Português. Bíblia Sagrada. Reed. Pastoral-Catequética. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002. Cap. 7, vers. 18.